



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

**MARCAS SOCIAIS DO FEMINICÍDIO EM NARRATIVAS DO MÉXICO – BRASIL
– ARGENTINA**

**PLANO: AS INTERSEÇÕES CULTURAIS DO FEMINICÍDIO EM MELO E
ARJONA**

Relatório Final

Período da bolsa: de agosto/2019 a julho/2020

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PIBIC/CNPq

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
OBJETIVOS	5
METODOLOGIA.....	5
RESULTADOS E DISCUSSÕES	9
CONCLUSÕES.....	13
PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15
OUTRAS ATIVIDADES	17
JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO NO PLANO DE TRABALHO	17

RESUMO

O presente relatório apresenta os resultados do projeto “Marcas sociais do feminicídio em narrativas do México – Brasil – Argentina”, que tem como objetivo identificar as formas que os corpos das vítimas são representados nas obras *Delicuentes: historias del narcotráfico* (2005), de Arminé Arjona e *Mundo perdido* (2006), de Patrícia Melo. Interessa-nos um estudo acerca das marcas de violência sexual a partir dos conceitos de corpos femininos construídos por Elódia Xavier e Carlos Gomes para identificarmos os valores culturais que se aproximam nas duas obras. Metodologicamente utilizamos as abordagens feministas dos estudos sobre a violência de gênero que nos ajudam a compreender como a violência contra a mulher é articulada no espaço literário por meio das reflexões de Rita Segato, Júlia Fragoso que associam a violência à estrutura social de aniquilamento do corpo da mulher.

Palavras-chaves: Literatura comparada; Arminé Arjona; Patrícia Melo; feminicídio.

INTRODUÇÃO

O presente relatório traz os resultados o plano de trabalho As interseções culturais do feminicídio e as marcas do corpo nas obras *Delicuentes: historias del narcotráfico* (2005), de Arminé Arjona, e na ficção urbana *Mundo perdido* (2006), de Patrícia Melo. Cabe ressaltar que o projeto abarca um estudo sobre o feminicídio representado na obra *Chicas muertas* (2014), da escritora argentina Selva Almada, que será detalhado no segundo relatório deste projeto de autoria de Roberta Santos. Em comum, as três narrativas trazem mulheres assediadas física e moralmente por personagens masculinos violentos que as matam quando tentam ser livres e independentes. Além disso, esses livros são escritos por mulheres, que narram diversos episódios de violência praticados por personagens machistas que cultuam a virilidade como forma de dominação. Interessa-nos identificar como essas escritoras descrevem os corpos femininos neste contexto.

Particularmente, nesta pesquisa, priorizaremos como a representação dos corpos das mulheres está associada à violência de gênero. Para isso, precisamos entender a dinâmica de como esses corpos são julgados e aniquilados por valores morais tanto no Brasil, quanto no México. Para fazer a análise dos corpos das personagens femininas, partimos da proposta de estudo do corpo na literatura brasileira, construída originalmente pela pesquisadora da UFRJ, Elódia Xavier, e ampliada, por Carlos Magno Gomes. Esses conceitos partem do princípio de como o corpo feminino é tratado nas narrativas literárias de autoria feminina para destacar questionamentos das identidades masculinas. De acordo com Xavier, em *Que corpo é esse? O*

corpo no imaginário feminino (2007), o corpo da mulher traz um índice de normatização de gênero que nos ajuda a compreender a opressão imposta por valores patriarcais. Dessa importante obra, exploramos a metodologia de como identificar corpos femininos disciplinados pela estrutura patriarcal opressora que inviabiliza a mulher por meio de estratégias de silenciamento.

Dando continuidade aos estudos de Elódia Xavier, em “O corpo feminino sacrificado na literatura brasileira”, Carlos Gomes ressaltava as particularidades do corpo feminino assediado e o corpo sacrificado. O primeiro é próprio de personagens que sofrem violência sexual; o segundo é daquelas que são executadas por seus parceiros (2018, p. 214). Nos casos apontados por Xavier, o corpo feminino é normatizado pela violência psicológica e simbólica no espaço doméstico; nos analisados por Carlos Gomes prevalece a violência física e sexual como veremos adiante.

Para contextualizarmos os problemas vividos pelas personagens de Arjona, no México, partimos de dois estudos. No primeiro, Rita Laura Segato (2013) traça um panorama sobre os crimes e feminicídios que foram menosprezados pelas autoridades mexicanas nos anos 90 em Ciudad Juárez, detalhando como a estrutura omissa do Estado contribuiu para a impunidade de estupradores e assassinos de jovens trabalhadoras indefesas. No segundo, Julia Frago (2010) identifica os tipos de violência que as mulheres dessa região enfrentam, reforçando que a violência atinge todas as mulheres com frequência e intensidades distintas, evidenciando que o sistema patriarcal e o sistema econômico são os fatores principais para explicar o aniquilamento do corpo da mulher.

Em estudos sobre a violência de gênero, *A transversalidade dos crimes de femicídio/feminicídio no Brasil e em Portugal*, Lourdes Bandeira e Maria José Magalhães comprovam a necessidade que o homem sente em dominar o corpo feminino, como explicam: “A principal razão do controle sobre o corpo e a sexualidade femininas está além do fato de a mulher não lhe querer (pertencer) mais; a desconfiança está no medo de que a mulher vai se relacionar com outro homem” (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p.43). Mapeando os diferentes interesses feministas, em *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade* (2018), Heloísa Buarque de Hollanda fala sobre a importância da militância feminina na sociedade desde a primeira onda feminista, reforçando como os estudos feministas são importantes tanto na literatura como fora dela como a campanha do “#metoo” que denuncia

os abusos sexuais sofridos por atrizes, atletas, jornalistas, entre tantas outras mulheres, repudiando a premissa machista do direito masculino ao assédio sexual.

Em suma, a partir do diálogo de abordagens teóricas construídas por essas pesquisadoras, tivemos como meta identificar as formas como os corpos das mulheres vítimas dos diferentes tipos de violência são representados pelas autoras nas obras selecionadas a partir da crítica feminista, que tem ganhado mais visibilidade neste contexto de denúncia e luta pelos direitos da mulher conforme Hollanda (2018) e Ribeiro (2017).

A seguir, apresentamos alguns conceitos que fundamentam nosso embasamento teórico para analisar como os corpos femininos são representados nas duas obras, dando destaque para o corpo assediado e ameaçado de feminicídio.

OBJETIVOS

Esse relatório objetiva descrever os resultados finais do plano de trabalho *As interseções culturais do feminicídio em Melo e Arjona*, ressaltando os corpos femininos assediados e sacrificados nos contextos brasileiro e mexicano a partir das abordagens de Xavier e Gomes; e identificar as estratégias usadas pelas duas autoras para descrever como as mulheres são perseguidas e aniquiladas por personagens masculinos violentos, segundo as classificações de Bandeira e Magalhães.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa foi determinado que haveria duas reuniões quinzenais com o orientador, para o debate dos textos teóricos indicados. Nesses encontros, as orientações foram compartilhadas com a voluntária, Roberta Santos, havendo debates e reflexões em conjunto sobre os temas e textos lidos. Dito isto, a pesquisa foi dividida em duas partes: primordialmente foi realizada a leitura do livro *Delicuentes: historias del narcotráfico* (2005), de Arminé Arjona, do qual selecionamos o conto “Ni la santa muerte”, por apresentar o corpo assediado sexualmente, que sofre violência física e moral. Em seguida passamos para a leitura do livro *Mundo perdido* (2006), de Patrícia Melo, que traz o desdobramento de um caso de feminicídio, pois o protagonista mata a esposa para ficar com a amante, que o abandona, trocando o matador por um pastor. Por ter sido abandonado, o protagonista

persegue a ex-amante até matar o atual companheiro. Após o contato com as obras, voltamos a leitura dos principais textos teóricos que dão sustentação a esta pesquisa.

Os estudos comparados nos ajudam a entender a dinâmica dos textos, como eles incorporam questões sociais. Partindo dessa perspectiva, interessa-nos saber como as duas obras retomam problemas sociais na composição ficcional. Pretendemos analisar as aproximações morais e culturais que dão sustentação aos abusos cometidos contra as mulheres, investigando como a masculinidade é construída no campo ficcional. Desse modo, seguindo as orientações de Carvalhal ao afirmar que o comparativismo nos possibilita novas interpretações das obras analisadas, quando comparamos obras com o intuito “analítico e interpretativo”, pois “a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe” (2006, p. 08). No caso desta pesquisa, interessa-nos comparar como as autoras trabalham a visão do corpo feminino que sofre violência, seja estupro, seja o feminicídio. Pretendemos identificar as estratégias estéticas usadas por cada uma delas para denunciar esse sistema de punição e aniquilamento da mulher. Ou seja, a literatura comparada amplia os ângulos de leitura de uma obra, proporcionando novas abordagens, que serão respaldadas pelos estudos feministas.

As reflexões iniciais de como o corpo feminino é representado na literatura são propostas por Elódia Xavier, que identifica dez tipos de corpos femininos: disciplinado, invisível, subalterno, imobilizado, envelhecido, refletido, violento, degradado, erotizado e liberado, conceituando-os de acordo com as marcas sociais deixadas nas personagens. Dando continuidade a esse estudo, Carlos Magno Gomes propõe a ampliação dessa classificação com mais três tipos: encarcerados, assediados e sacrificados, que são normatizados por particularidades próprias do corpo disciplinado. O corpo sacrificado é o mais grave pois está relacionado ao feminicídio e “traz o resultado da violência, sendo, portanto marcado pela cultura patriarcal, pois é um índice da violência doméstica” (GOMES, 2018, p. 214).

O corpo encarcerado é aquele em que a mulher perde a liberdade após sofrer a desconfiança do marido ciumento e possessivo. Esse comportamento é próprio de homens violentos em crise com seus valores morais. Eles produzem as “infidelidades imaginadas”, impondo o cárcere privado a sua companheira como única estratégia de dominação. Para Gomes, o “corpo assediado” está relacionado à ideia de posse masculina sobre o corpo feminino, utilizando dele como território e o submete à moral masculina, estando vinculado

ao conceito da masculinidade frágil (GOMES, 2016).

Como visto, os apontamentos de Xavier e Gomes são fundamentais para esta pesquisa por trabalharem com representações literárias. No caso do corpo “disciplinado”, Xavier apresenta diversas obras de Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles que questionam esse tipo de corpo. Nos estudos de Gomes, o “corpo encarcerado” está presente em narrativas em que o homem aprisiona a mulher como “Moça tecelã” (1978), de Marina Colasanti, *As parceiras* (1980), de Lya Luft. Nesse mesmo romance de Luft, temos também o estupro conjugal, caracterizando o “corpo assediado” ou “violentado” por um marido violento. Nos casos sacrificados, em que há feminicídios, Gomes destaca os contos “Venha ver o pôr do sol” (1970), de Lygia Fagundes Telles, e “A língua do P”, de Clarice Lispector (1974).

Entre os estudos sobre a violência contra a mulher, destacaremos, na continuidade, aquelas principais obras que deram sustentação a esta pesquisa com o intuito de entendermos como funciona a dinâmica da violência no México e no Brasil.

Em *La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez* (2013), Rita Laura Segato discute como a desigualdade de gênero está presente na Ciudad Juárez, uma cidade do México, reafirmando o imaginário social de que “cuerpo de mujer: peligro de muerte” (2013, p.11). Neste estudo, Segato destaca que a cidade e os corpos das mulheres pobres estão relacionados pela vulnerabilidade socioeconômica das vítimas, sendo esclarecido em

la relación directa que existe entre capital y muerte, entre acumulación y concentración desreguladas y el sacrificio de mujeres pobres, morenas, mestizas, devoradas por la hendidja donde se articulan la economía monetaria y economía simbólica, control de recursos y poder de muerte (2013, p.11)

A vulnerabilidade econômica, de acordo com Segato, é uma relação direta entre capital e morte, na qual os culpados dos crimes permanecem impunes pelo seu poder monetário. Além disso, muitas vezes as vítimas sofrem com o descaso feito sobre o seu desaparecimento, mostrando que “secuestro de mujeres jóvenes con un tipo físico definido y en su mayoría trabajadoras o estudiantes, privación de la libertad por algunos días, torturas, violación” é algo naturalizado (SEGATO, 2013, p. 16).

Júlia Fragoso tem vários estudos que identificam as questões econômicas e políticas por trás da violência de gênero. Além de discutir a violência contra as mulheres, Fragoso

evidencia a violência causada pelos homens na Ciudad Juárez, principalmente quando são seus parceiros e como a pobreza urbana influencia na desigualdade social das mulheres, gerando condições mais vulneráveis pelo espaço onde vivem. Essa violência é “Un acto intencional del poder y la fuerza con un fin predeterminado, por el cual una o más personas producen daños físicos, metales o sexuales, los cuales lesionan la libertad de movimiento o causan la muerte de personas, a veces ellas mismas” (FRAGOSO, 2010, p.234). Nessa direção, a violência pode ocorrer por conta de discriminações de idade, origem, classe, de gênero, ou por motivos políticos. Fragoso também ressalta que “[...] la violencia contra la mujer emerge a partir de la violencia de género, la cual se basa en la asimetría de las relaciones de poder entre hombres y mujeres” (2010, p.236).

Em outro estudo, Segato destaca que a questão socioeconômica das vítimas influencia no tratamento que lhes é oferecido, comprovando que “en el discurso legal, la condición de la mujer como estatus-objeto, estatus-instrumento del linaje y de la herencia, estatus-dependiente y vinculado a la honra masculina. La ley tradicional del estatus se infiltra en la ley moderna del contrato jurídico” (2003, p.138).

No contexto brasileiro, não é muito diferente, Bandeira e Magalhães acreditam que as mulheres continuam sendo vítimas de crimes de feminicídios no Brasil pela sociedade patriarcal que aceita a mulher como uma propriedade simbólica do homem, que em muitos casos não aceita ser trocado por outro. Essa perspectiva está relacionada à questão de poder, pois

o maior risco da rejeição está diretamente articulado ao medo de perder o domínio sobre aquele corpo, uma vez que o rompimento da relação também representa uma “vergonha” social e pública para o homem e, por extensão, ao envergonhar-se a si, este “sentimento” se estenderia aos demais homens(2019, p.43).

Ou seja, quando ocorre o término do relacionamento, a figura masculina não aceita tal desonra por acreditar ter posse sob aquela mulher. Dessa forma, a virilidade do homem é posta como frágil e para recuperá-la muitos apelam para o assédio moral, físico e psicológico e, nos casos extremos, para o feminicídio.

No estudo de Bandeira e Magalhães, as violências a que as mulheres estão submetidas podem ser classificadas de três formas: a) aniquilamento simbólico - quando as vítimas são descritas como jovens e vulgares por se exporem e estarem acompanhadas por homens

desconhecidos. Por esse ângulo, se relativiza a agressão física e sexual, quando se insinua que a mulher pode ser merecedora de tal violência; b) propriedade sexual e/ou pertencimento sexual, quando a mulher é vítima de homem que acredita ter posse sobre o corpo feminino, levando em consideração não somente o gênero, mas também o contrato de casamento e valores ligados a uma família; e, por fim, c) o terrorismo patriarcal ou crime de misoginia – ocorre quando a vítima está sob o controle masculino e será atraída por algum tipo de armadilha que está “centrada na ‘razão patriarcal’ e na ‘misoginia’” (2019, p.44). Por esse prisma, o terrorismo patriarcal é justificado como uma parte das regras do jogo do casamento. Assim, nesses casos, a violência é vista como parte dos contratos simbólicos e que as mulheres poderiam ter evitado o crime. Tais interpretações são próprias de “estrutura e significados patriarcais, e a outros marcadores sociais como etnia e classe social” (BANDEIRA; MAGALHÃES, 2019, p.41).

María Lugones é uma das feministas que questiona a forma como as normas de gênero são impostas como padrão. Ela questiona a indiferença que os homens demonstram sobre a violência a que as mulheres de cor estão submetidas, explicando como a luta feminista precisa ampliar suas interseções para abarcar um número maior de mulheres. Toda teoria pautada pela colonialidade de gênero reforça os estereótipos criados pela colonização e que são reproduzidos na sociedade patriarcal, pois “permea todo control del acceso sexual, la autoridad colectiva, el trabajo, y la subjetividad/intersubjetividad, y la producción del conocimiento desde el interior mismo de estas relaciones intersubjetivas” (LUGONES, 2008, p.79).

Concluimos esse tópico ressaltando o quanto a violência de gênero é fruto da colonização patriarcal e machista que insiste em impor a sexualidade masculina como padrão. Tal comportamento está presente tanto nos corpos assediados, como nos corpos sacrificados. Em seu outro artigo *Regulações do estupro* (2018), Gomes comenta o quanto as escritoras brasileiras questionam as diferentes estratégias de relativização dos crimes contra a mulher com o intuito de manter o status social do agressor. Ao denunciarem contextos opressores e sistemas de impunidades, essas escritoras colocam o dedo na ferida de uma sociedade que se recusa a reconhecer que a violência contra a mulher é uma forma de aniquilamento da mulher.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após esses estudos sobre os contextos mexicano e brasileiro, passamos a análise dos textos selecionados. No primeiro momento, vamos comentar como Arjona descreve uma tentativa de feminicídio; no segundo, como Melo retoma a sede de vingança de um homem abandonado pela amante.

O conto “Ni la santa muerte”, de Arjona, é uma narrativa sobre sete pessoas que servem de mulas do tráfico e haviam sido deixadas em *Sierra Gordita*, uma cadeia de montanhas situadas no México, para que fossem buscar a carga de drogas em outro destino. A priori já é possível reconhecer que a maioria dessas pessoas é do sexo feminino, comprovando como os corpos das mulheres são utilizados de forma descartável para gerar lucro. De acordo com os estudos de Fragoso (2010), o sistema patriarcal e o sistema econômico são os fatores principais para explicar essa desigualdade. Ou seja, todo esse cenário que as mulheres enfrentam é o resultado de um sistema constituído por pobreza, e do patriarcado que projeta aos homens uma falsa liberdade de que podem fazer o que querem com as mulheres.

Em seguida, a personagem principal relata que ao chegar a uma fazenda é convidada para uma dança por um traficante drogado e aceita por medo: “La verdad no quise negarme porque andaba bien loco y más que nada me convenció la 38 que traía fajada en el cinturón piteado” (ARJONA, 2005, p.25). É evidente como a mulher sofre com o medo do que a negação do convite poderia implicar, comprovando como o “corpo assediado” está presente na obra, pois é imposta a condição viril do homem (GOMES, 2018), sendo possível também afirmar que a violência é uma forma de demonstrar superioridade, força e dominação. Segundo Lara *et al* (2016), o abuso do corpo da mulher está associado a ameaças e punições controladas pela força masculina. No conto de Arjona, a presença da arma impõe medo à mulher forçando-a a se submeter aos desejos do assediador.

Após o episódio, a mulher consegue se desvencilhar do homem e vai descansar, ao amanhecer percebe que a festa na fazenda continuava. O homem, que antes havia lhe convidado para dançar, reaparece e a agarra a força, beijando-a. Em uma tentativa de se defender, ela o golpeia e se corta derramando sangue no seu agressor. Este, por sua vez, acredita que aquele sangue é dele e a empurra contra o chão e “Me levantó de los cabellos y me metió el cañón del arma en el cuello” (ARJONA, 2005, p.26). A ameaça do feminicídio é uma forma de impor a masculinidade ao corpo feminino assediado. Assim, outra vez o homem utiliza da violência contra a mulher para mantê-la submissa, afirmando a sua “moral

masculina” que está cada vez mais “associada com a severidade, o domínio físico e a agressão” (CONNEL; PEARSE, 2015, p.62).

Na cena que se segue, há uma tentativa de feminicídio, que, de acordo com Segato (2013), é subsidiada pelo falso direito sobre o corpo da mulher que a cultura patriarcal projeta como uma marca da masculinidade. Por esse olhar, a extensão do direito do homem sobre a mulher como seu território prevalece. No entanto, o que ocorre é que o homem tropeça em uma pedra e “se voló los güevos” (ARJONA, 2005, p.26), acertando o tiro em seu órgão genital. Após ter sua genitália destruída, ele implora para que o matem, comprovando que o seu órgão genital é norteador de sua identidade masculina.

Como observamos, o corpo feminino é assediado e ameaçado nesse contexto social em que o homem não aceita o não. Ao brincar com esses valores, optando por um personagem masculino que se fere, Arjona desnuda uma visão machista de posse do corpo da mulher que prevalece na cultura mexicana, mesmo dentro do contexto do narcotráfico, no qual desconhecidos praticam crimes de assédio, estupro e feminicídio em nome de sua virilidade e força.

Assim, na obra de Arjona, a mulher sofre violência por ser mulher, seu corpo é assediado por não ter aceito fazer sexo com um desconhecido. Esse tipo de crime é próprio do corpo assediado, pois “a punição do corpo feminino passa por um ritual da violência estrutural hegemônica, identificada no assédio moral, no cárcere privado e na violência sexual” (GOMES, 2018, p. 220). A protagonista do conto de Arjona se mostra indefesa diante da brutalidade com que lhe é imposto o ato sexual.

Passemos para a segunda forma de assédio moral e psicológico da mulher, aqueles praticados por companheiros ou conhecidos das vítimas. Na narrativa *Mundo Perdido* (2006), Melo retoma a história de Máiquel, um assassino de aluguel que protagonizou o romance *O matador* (1995), priorizando o momento em que esse protagonista resolve ir atrás da ex-mulher para matar seu atual companheiro e tentar pegar sua filha de volta, depois de dez anos foragido da polícia. Com o mesmo comportamento machista, Máiquel lista uma série de modos que alguém pode fazer para não ser percebido, sendo uma delas “E tenha sempre uma mulher com você. Ajuda muito” (MELO, 2010, p.10). A presença da mulher é representada como uma segurança para o sexo masculino, pressupondo que um homem acompanhado por uma mulher não demonstra ameaça.

O personagem volta a São Paulo para receber a herança de uma tia, logo depois o homem decide procurar a filha, Samanta, que havia sido levada por Érica e pastor da igreja, Marlênio. A trama discorre sempre em função da busca do protagonista por Érica, ora comentando como a amava e não entendendo tal traição, ora prometendo vingança por ela ter fugido e levado sua família. Máiquel culpabiliza a mulher por tudo o que aconteceu, ignorando toda a violência que ele impôs a ela e justificando sua solidão com a fuga dela. “A Érica não podia ter feito aquilo comigo” (MELO, 2010, p.10). Nesse trecho, é possível reconhecer a presença do corpo assediado de um homem possessivo, demarcando a “imposição masculina, que passa a usar esse corpo, como um território, pois o sujeito masculino apodera-se de forma unilateral do corpo feminino, que fica submetido à “moral de macho” (GOMES, 2018, p.216). Máiquel submete o corpo de Érica ao seu, desprezando-o por haver fugido e culpando-a por tudo.

Durante a narrativa, Máiquel intercala lembranças do passado com os dias atuais, recobrando acontecimentos que ocorreram quando ele ainda era um tipo de herói para a população ou quando o entregaram para a polícia, “[...] esse Marlênio, e foi lá na delegacia foder com você, disse que o cadáver que encontraram na oficina do Marcão é da sua mulher. O Marlênio disse que você estrangulou a mulher. Ele também abriu uma queixa-crime contra você. E fez outra acusação grave: que você está ameaçando Érica de morte” (MELO, 2010, p.49). Aqui é perceptível a presença da violência contra a mulher e o feminicídio, sendo exaltado em outros momentos do texto: “[...] perguntando por que você pensa que eu fui embora, Máiquel? Mas quem respondia: porque você matou a Cledir era a Eunice. Assassino” (MELO, 2010, p.113).

O romance de Melo prioriza o corpo assediado da mulher, assim como no conto de Arjona, temos uma personagem que sofre o assédio e uma caçada implacável de um matador que quer se vingar por ter sido trocado por outro homem. O livro de Melo também trata das injustiças sociais. Especificamente, criticando a corrupção existente: “Mas os nossos ricos ainda estão no esquema foda-se. Continuam uns escrotos, essa é a verdade. São corruptos, ladrões, cheiradores de pó. E a droga vive disso, de gente ruim. De bostas, como nossos políticos. Dessas merdas, que só pensam em roubar” (MELO, 2010, p.154). De acordo com Lugones (2008), o sistema de poder comanda não somente a sociedade, mas toda a autoridade coletiva, sexual e trabalhista.

O romance de Melo prioriza um olhar irônico. Isso é, desnuda o machista a partir de suas atitudes mesquinhas em relação às mulheres como quando afirma que “As mulheres, aprendi, não valem nada” (MELO, 2010, p.92), ou quando reduz o corpo feminino ao prazer masculino ao escrever “Eu estava doido por uma boceta. Mas não abri o bico” (MELO, 2010, p.18), demonstrando a marca do corpo aniquilado culturalmente. O ódio à mulher que abandona o homem é destacado como próprio de um criminoso que age em prol de sua lógica de macho que impõe a virilidade como única possibilidade de dominação do corpo da mulher.

Quando, enfim, consegue reencontrar a ex, ele tenta o diálogo, mas percebe que depois de dez anos tudo está perdido: “o que você faria se eu me mandasse agora com Samanta. Se desaparecesse do mapa” (MELO, 2010, p.199). Observamos que mesmo armado, ele continua com as ameaças para tentar controlar mãe e filha. No final da obra, Máiquel mata Marlênio, “que sangrava como um porco no elevador”, mas não consegue eliminar a ex-amante, nem reaver a filha sequestrada, deixando as duas para trás em sua fuga “Antes de trancar as duas no banheiro, quebrei o telefone” (MELO, 2010, p. 199).

Como analisado, em *Mundo perdido*, o homem não consegue se desvencilhar do corpo da ex-mulher e parte em busca de seu território simbólico, mesmo depois de tantos anos separados, pois na sua concepção masculina o corpo de Érica é sua propriedade: “tal lógica da regulação do gênero é fundada pela soberania do sujeito masculino, segundo a qual ele é educado para dominar e possuir corpos femininos” (GOMES, 2018, p. 216).

Nas obras analisadas, as mulheres são vítimas de uma América Latina atravessada pelos preconceitos de gênero e de classe, sendo retomados pelas autoras de forma crítica, pois denunciam as condições humilhantes em que as mulheres são aniquiladas por valores morais e imposições masculinas visto que os corpos das personagens femininas são normatizados pelo assédio moral e psicológico de homens que ameaçam e usam a força física e o porte de arma para impor sua virilidade.

CONCLUSÕES

Nesse estudo sobre o “corpo assediado” nas obras de Arjona e Melo, foi possível compreender como o corpo das mulheres é regulado por normas sociais que desvalorizam o papel social mulher. Em *Ni la santa muerte*, Arjona denuncia como mulheres de condições sociais precárias estão sujeitas a trabalhos desumanos, como também denunciar o narcotráfico

e a violência cometida por homens, que a fim de afirmar sua masculinidade usavam a força contra as mulheres. Enquanto em *Mundo Perdido*, Melo utiliza da visão de Máique, um homem agressivo e criminoso, para explorar o corpo das mulheres como extensão de sua sexualidade e, por conseguinte, objetos de seu prazer. Para os dois personagens masculinos, as normas de gênero são pautadas pela submissão do corpo feminino a suas virilidade e agressividade. Todavia, enquanto crítica a esses valores, as obras de Arjona e Melo questionam tal normatização, própria da colonização patriarcal. As duas autoras ao optarem por finais em que nenhum deles concretiza seus desejos, apesar de serem violentos e cometerem diversos crimes no decorrer das narrativas.

As duas obras relatam tentativas de feminicídios, antecipadas por assédios psicológicos, morais e físicos. Essa opção de fracasso masculino descrita no campo ficcional reforça o papel de questionamento da literatura de autoria feminina, que se opõe aos diferentes tipos de violência contra a mulher como os aniquilamentos simbólicos, a visão do corpo da mulher como extensão do masculino e a aceitação do terror patriarcal como uma estratégia conforme estudos de Bandeira e Magalhães. Essa cultura da relativização das atitudes dos criminosos é rejeitada no campo ficcional, apontando para uma denúncia dos mecanismos que aceitam a violência como um artifício da identidade masculina.

Portanto, acreditamos que leituras revisionistas se fazem necessárias para cada vez mais fomentarmos discussões sobre a violência normalizada, pois “[...] o debate a respeito do fenômeno da violência dentro dos muros da universidade ainda é curiosamente minimizado” (HOLLANDA, 2018, p. 211). Nossa experiência reforça que ainda há a necessidade de debates sobre as desigualdades de gênero, ressaltando a importância da crítica feminista para a desconstrução de padrões e normas que privilegiam o lugar do masculino. Todo o cenário de violência que as mulheres enfrentam nas obras é resultado de uma sociedade machista e de um patriarcado que projetam nos homens a liberdade de tratar as mulheres como objetos, assim como ter controle sobre suas vidas.

Desse modo, é possível afirmar que esta pesquisa nos ajudou a melhor entender os mecanismos de violência e a luta pelos direitos da mulher, além de identificarmos as peculiaridades do texto de autoria feminina preocupado em denunciar as desigualdades de gênero. Concluímos que os estudos feministas enaltecem a luta das mulheres, por mostrar como o engendramento nos convida a nos posicionarmos de lugares críticos que nos dão

oportunidade para enxergarmos muito além dos corpos femininos normatizados pelos prazeres masculinos. Acreditar na igualdade entre gêneros promove a busca de equidade e a libertação dos corpos femininos das amarras do patriarcado.

PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS

Será produzido um artigo com os principais resultados desta pesquisa ampliando o processo de comparação entre as três autoras estudadas no projeto Patrícia Melo, Arminé Arjona e Selva Amada para ser apresentado em evento da área e/ou publicado em um periódico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Selva. **Garotas Mortas**. Tradução: Sergio Molina. São Paulo: Todavia, 2018.

ARJONA, Arminé. Ni la santa muerte. *In*: ARJONA, Arminé. **Delicuentos, historias del narcotráfico**. Chihuahua: Al Límite Editores, 2005, p. 23 – 26.

BANDEIRA, Lourdes Maria; MAGALHÃES, Maria José. A transversalidade dos crimes de femicídio/feminicídio no Brasil e em Portugal. **Revista da Defensoria Pública do Distrito Federal**. Brasília, v.1, n.1, 2019, p. 29-56.

CABRAL, María Celeste. De investigadora a huesera: Chicas muertas de Selva Almada y las formas de narrar el feminicidio en el interior. **IV Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género**, 2016. La Plata: FAHCE-UNLP.

GONZÁLES, Daniuska. Gonzáles; CANDIA-CARCERES, Alexis. Geografías invisibles de la Globalización: Bolaño, Almada y Zúñiga. **Anales de literatura chilena**. n. 28, p. 79 – 94. 2017.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

FRAGOSO, Julia Estela Monárrez, *et al.*, coordenadores. Violencia de género, violencia de pareja, feminicidio y pobreza. *In*: FRAGOSO, Julia Estela Monárrez. **Violencia contra las mujeres e inseguridad ciudadana en Ciudad Juárez**. México, D.F.: Miguel Ángel Porrúa, 2010, p. 233-273.

GOMES, Carlos Magno. Regulações do estupro em Lya Luft e Patrícia Melo. **Estudos**

Linguísticos e literários. Salvador, n. 59, p.76-93, 2018.

GOMES, Carlos Magno. Violência de gênero e a crise da masculinidade. **Revista Fórum Identidades.** Itabaiana: Gepiadde, v. 21, p.33-48, 2016.

GOMES, Carlos. Perspectivas do corpo na literatura brasileira. *In:* SALGADO, Maria Teresa *et al.* (orgs). **Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos.** Oficina Raquel: 2018, p. 212 – 222.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Na academia. *In:* HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade.** São Paulo: Companhia de Letras, 2018, p. 205 – 237.

KOHLRAUSC, Regina; KOBOLT, Maria Edilene de Paula. Chicas muertas, de Selva Almada: Três assassinatos e o silenciamento da violência contra as mulheres. **Ipotesi - Revista de Estudo Literário.** Juiz de Fora: Minas Gerais. v.23, n.2, p.65-78, jul/dez. 2019.

LARA, Bruna de; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa(Org.). **MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes – Coletivo Não Me Kahlo.** Rio de Janeiro: EdiçõesdeJaneiro, 2016.

LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tabula Rasa.** Bogotá: Colombia, n. 9, p. 73-101, 2008.

MELO, Patrícia. **Mundo Perdido.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

QUIJADA, Ana. Quilarque.; GONZÁLES, Daniuska. Gonzáles. Cuerpos Ultrajados en falta. Los crímenes de Ciudad Juárez en el Relato de Roberto Bolaño y la poesía de Marjorie Agosín. **Revista de Ciencias Sociales y Humanidades.** v. 25, n. 50.

SEGATO, Rita. **La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2013.

SEGATO, Rita. Las estructuras elementales de la violencia: Contrato y estatus en la etiología de la violencia. *In:* SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos.** Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003, p. 131 – 148.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

OUTRAS ATIVIDADES

Participamos, como ouvinte, da VI Semana Acadêmica que ocorreu de 04 a 08 de novembro de 2019 e 29º Encontro de Iniciação Científica. Apresentamos o artigo *Marcas da violência contra a Mulher em Márquez e Viana* no XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura, entre 14 e 17 de agosto de 2019, São Cristóvão, UFS, com coautoria de Roberta Santos. Este texto está publicado nos Anais do evento e disponível em:

<https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2019/12/mulhersite.pdf>

JUSTIFICATIVA DE ALTERAÇÃO NO PLANO DE TRABALHO

Não houve alteração no plano de trabalho.